

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# HISTÓRIA

### SIMULACRA DEAE ROMAE: A PERSONIFICAÇÃO DA CIDADE DE ROMA NOS SÉCULOS III E II A.E.C.

<sup>1</sup> Diego Santos Ferreira Machado (PIBIC/CNPq); <sup>1</sup> Claudia Beltrão da Rosa (orientadora).

1 – Departamento de História; Escola de História; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio financeiro: CNPq.

Palavras-chave: Religião romana; numismática; iconografia.

#### INTRODUÇÃO

Este resumo expandido tem por finalidade expor o desenvolvimento e a finalização do subprojeto de pesquisa intitulado “Roma: a personificação da urbs em moedas no período das Guerras Púnicas”, vinculado ao projeto-mãe “Religio romana: uma análise das instituições religiosas romanas em discursos tardo-republicanos”, desenvolvido sob coordenação e orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Beltrão da Rosa, apresentando os resultados da pesquisa. Como finalidade, colocaremos em pauta as representações imagéticas da personificação da cidade de Roma e suas mudanças, ao longo do período proposto para análise no plano de trabalho, os séculos III e II a.E.C..

Na metade do século IV a.E.C., Roma já havia dominado seus vizinhos e tomado uma posição importante no Lácio. No início do século III, os romanos capturaram toda a península Itálica por meio de uma série de guerras favoráveis, como a contra a Confederação Samnita, a vitória sobre os Etruscos, sobre Tarentum e o Epirus. Desse modo, por toda a Itália, Roma estabelece também suas colônias como parte da estratégia de defesa, bem como garante cidadania e poderes legais para diversas cidades, dando-lhes status de municipia. Coloniae Latinae, isto é, colônias da liga latina chefiadas por Roma e civitates sine suffragio, que tinham a cidadania, mas não podiam participar das eleições das magistraturas, são também estabelecidas, e, finalmente, as coloniae civium Romanorum. Este início da dominação romana sob a península itálica é eficaz, pois garante a multiplicação do poder romano em um curto período de tempo (ALFÖLDY, 1986, p. 42-43).

Nesse mesmo século III a.E.C., dentro da cidade de Roma, várias mudanças sociais e religiosas estão ocorrendo. O sistema monetário romano que, até então, tinha suas moedas cunhadas em cidades gregas, foi fundado em torno do denário, bastante semelhante ao drachma grego na forma de cunhar e às moedas itálicas no uso de metal, porém inegavelmente romano (POBJOY, 2006, p. 65). Como primeira iniciativa, as moedas lançadas têm escrito “ROMANO” ou “ROMA”, como forma de legitimar a cidade e o povo, assim como divindades romanas ou romanizadas são presentes nas cunhagens. É também nesta época que novas divindades são incluídas ou trazidas à dinâmica religiosa da cidade e novos ritos são incorporados, a fim de buscar maior apoio divino para as guerras que se desenrolam.

Assim como temos Cartago, cidade do norte da África, que era uma potencial ameaça aos romanos, pois havia crescido bastante e oferecia perigo ao seu crescente domínio sob a península itálica e demais regiões do Mediterrâneo.

Em meio a este clima de incertezas e mudanças, observamos o surgimento de Roma, a personificação divina da urbs romana, do genius urbis romae, e a relacionamos diretamente à necessidade de se impor e se afirmar perante as outras cidades e povos. Estas imposição e afirmação aparecem de formas diferentes dependendo da necessidade e dos conflitos em que Roma se encontrava, ou seja, a composição da representação imagética da personificação divina da cidade de Roma reflete a época em que foi feita, e a análise dessas mudanças iconográficas nos permite, dentre outras possibilidades, entrever os problemas enfrentados pela urbs em diferentes momentos.

#### OBJETIVO

Analisar, a partir do estudo das representações imagéticas em moedas de Roma, a personificação da cidade romana, os interesses romanos no que diz respeito ao potencial comunicativo dessa iconografia às cidades vizinhas e mediterrâneas.

#### METODOLOGIA

Nossa documentação é, em sua totalidade, numismática, e dela analisamos as imagens cunhadas. A representação imagética é sempre um discurso, que pode ser “lido” ao se interpretar o significado de cada símbolo impresso e do conjunto desses. Os ícones presentes nas imagens dialogam e têm relação com a sociedade que os fez, são formas de vê-lo, e, portanto, expressam valores, ideias, ideais e aspectos culturais – documentação possível, dessa forma, para o estudo e a pesquisa histórica. Utilizamos nessa pesquisa a proposta metodológica Iconográfica e Iconológica de Erwin Panofsky (2002), a qual estabelece três níveis de leitura das imagens: no primeiro, chamado de descrição pré-iconográfica, os símbolos são reconhecidos separadamente e reconhecidos enquanto objetos, pessoas e animais; no segundo momento, temos a análise iconográfica, onde é identificado o “significado convencional” dos símbolos; e, por fim, a interpretação iconológica, que se volta para o “significado intrínseco”, para “os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença religiosa ou filosófica” (PANOFSKY, 2002; BURKE, 2004).

As mensagens presentes nas imagens só são passíveis de interpretação, portanto, quando conhecemos os símbolos que as formam, pois são parte de uma cultura e não pode ser compreendidas sem um conhecimento da mesma – para interpretar a mensagem é necessário familiarizar-se com os códigos culturais.

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

### RESULTADOS

Compreendendo a religião como “um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas” (GEERTZ, 2008:67), consideramos a análise da criação de uma persona amplamente dotada de signa religiosos um momento privilegiado dos estudos de significação e representação imagética, apoiada no meio social, das interações e adaptações religiosas entre povos.

Podemos perceber que, no início, Roma era vinculada aos símbolos que definiam a cidade de Roma, como o cavalo, a roda e a proa de navio, ou seja, ao grupo de signa que representavam e caracterizavam a urbs, temos Roma sendo a eles relacionada. Observamos também que essa relação se repete em diversos níveis de cunhagens da mesma série, o que indica um esforço por parte do Senado em reiterar essa vinculação.

Concomitantemente, Roma enfrentava diversas batalhas e as vencia, dominando povos vizinhos e itálicos, inicialmente. Por isso, Roma foi vinculada a símbolos que reforçassem aspectos sociais, militares e religiosos que indicassem a prosperidade da cidade, o êxito militar em suas campanhas e a bona fortuna do solo Romanum, obtida pelos antepassados, garantida e preservada pelos atuais cidadãos.

Nas últimas décadas do século III a.E.C., Roma enfrentou Cartago pela segunda vez, na chamada Segunda Guerra Púnica (218-201 a.E.C.). Esse conflito provocou e desencadeou diversas mudanças na cidade romana, inclusive na imagética de Roma. O caráter largamente social e próspero que se queria e reproduzia é dividido com, ou mesmo substituído por, signa militares, o que indica a importância dessa guerra e, portanto, a necessidade de um maior aparato para derrotar Cartago, como a manutenção de aliados e o afastamento de novos inimigos.

Durante a Primeira Guerra Púnica (264-241 a.E.C.) e no período entre esta e a Segunda (218-201 a.E.C.), podemos ver uma representação imagética da personificação da cidade de Roma voltada ao “interior” da cidade, ou seja, ao âmbito social. O elmo frígio é associado como um símbolo de liberdade e prosperidade, de acordo com o dicionário de símbolos de Chevalier e Gheerbrant, enquanto a Victoria é uma deusa alada relacionada com o êxito militar, as palmas são referentes a essa deusa e o cachorro é interpretado como os deuses Lares, divindades ligadas à terra e aos antepassados.

Uma vinculação entre o elmo frígio, a deusa Victoria e os Lares nos submete a um estado próspero e profícuo para o povo romano, embora saibamos que nesse período Roma estava passando por guerras, reformas internas e com uma grande entrada de pessoas, divindades, ritos, rituais, etc. na cidade.

Podemos depreender, portanto, que, mesmo não estando em um tempo pacífico, a imagem que se quer passar, neste momento, da cidade de Roma e, assim sendo, da personificação da mesma, é tranquila, vitoriosa e produtiva.

Com o início da Segunda Guerra Púnica, as representações da personificação divina da cidade de Roma sofrem visíveis alterações. Os “signa sociais” que acompanhavam as cunhagens numismáticas de Roma são substituídos por símbolos guerreiros. A análise iconológica dessa composição imagética nos permite compreender uma mudança significativa nos interesses romanos face ao enfrentamento bélico contra Cartago: Roma precisava se mostrar forte e preparada para as cidades aliadas, para as cidades inimigas e para as cidades “periféricas” a esse conflito.

A proa de navio é relacionada e enquadra o conjunto de símbolos que representam a cidade de Roma, assim como a loba, a roda, entre outros. O início da sua veiculação em meios numismáticos remonta ao final do terceiro século, cerca do ano 225 a.E.C., ou seja, no período entre a Primeira e a Segunda Guerra Púnica, quando ocorre um reforço e um aperfeiçoamento da marinha romana. Os Dioscuri são divindades de origem grega relacionadas à guerra e sua adoção como patronos do exército romano é presente nas moedas desde o início do século III a.E.C., quando aparecem com a forma de Jano, ou seja, duas faces imberbes. Porém, ao término desde século, no período da Segunda Guerra Púnica, cerca do ano 211 a.E.C., eles aparecem inteiros e montados em seus cavalos.

A mudança na iconografia de Roma e das divindades presentes nas moedas onde ela aparece é notória. Um pouco antes do início da Segunda Guerra Púnica (mas com movimentações desde o término da Primeira) a cidade de Roma passa por grandes mudanças no âmbito militar (aqui enfocaremos este, porém em diversos outros ocorreram mudanças), principalmente no aprimoramento do exército, como podemos ver na imagética dos Dioscuri (que é um dos marcos de uma mudança numismática em Roma: a cunhagem de cenas), a qual os coloca como imponentes e grandiosos no campo de batalha, e da criação de uma marinha, com a devida especialização da guerra e do poder bélico navais.

Percebemos, dessa forma, a intensificação dos elementos militares nas representações iconográficas da personificação divina da cidade de Roma. Com um início social e próspero, os interesses comunicativos romanos sofreram alterações ao término do século III a.E.C., face à Segunda Guerra Púnica, que resultaram numa Roma mais guerreira nas cunhagens desse período.

### CONCLUSÃO

A personificação da cidade romana aparece, nos meios numismáticos, num momento importante, no qual Roma se expandia em direção ao sul da Itália e do Mediterrâneo e se configurava como aquela que será a grande potência mediterrânea. Sua iconografia reflete o que era considerado necessário transmitir aos povos e cidades recém-conquistadas ou fundadas, bem como refletia uma imagem a potenciais aliados e inimigos, e as variações nos seus símbolos nos permitem entrever esse discurso comunicativo. Roma está mudando, o Império está crescendo e suas ambições e desafios também. A forma com que a cidade romana se representava nas moedas, portanto, era um crucial meio comunicativo através do qual Roma mostrou sua ansiada superioridade e proeminência frente ao Mediterrâneo e ao mundo conhecido.

Vemos na Segunda Guerra Púnica um momento de grande virada na história romana: em meio às enormes mudanças que estão ocorrendo dentro da cidade, como a inclusão de novos deuses, deusas, cultos e religiosidades, no meio religioso, a reforma do exército e a criação da marinha, no militar, a chegada de pessoas vindas das mais diversas margens e planícies mediterrâneas, no social, entre outros, Roma trava um difícil e árduo combate contra Cartago. Sua vitória, nada certa de antemão,

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

garante uma posição nunca antes imaginada e colocava em sua reta para a supremacia do mundo conhecido os povos gregos.

Podemos afirmar, dessa forma, que os séculos III e II a.E.C. foram importantes para a história de Roma e do Ocidente por fornecer as bases necessárias para a experiência imperialista romana. No século III a.E.C., as *coloniae* e os *municipia* são fundadas por toda a Itália, e o exército precisou passar por um processo de aperfeiçoamento. No século II a.E.C., durante a dominação das cidades gregas, Roma precisou de meios para expandir sua cultura e modo de vida, o que podemos chamar de romanização. Com a iconografia de Roma não foi diferente, evoluindo para uma representação visual de caráter mais agressivo-militar. Esta persona, Roma, com atributos divinos, também estava em plano processo de construção, aprimoramento e consolidação.

#### REFERÊNCIAS

- ALFÖLDY, Geza. *The Social History of Rome*. Trad.: David Braund; Frank Pollock. Londres: Croom Helm, 1985.
- BEARD, M.; NORTH, J.A.; PRICE, S.R.F. *Religions of Rome*. v. 1 (A History); v. 2 (A Sourcebook). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BELTRAO, C. Interações religiosas no Mediterrâneo romano: práticas de *acclamatio* e de *interpretatio*. In: CANDIDO, M. R. *Memórias do Mediterrâneo Antigo*. Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2010: 42-60.
- \_\_\_\_\_. A Religião na urbs. In: MENDES, N.M.; SILVA, G.V.(org.) *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006: 137-159.
- BURKE, Peter. Iconografia e Iconologia. IN: *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: Edusc, 2004. p. 43-56.
- CARLAN, Claudio Umpierre; FUNARI, Pedro Paulo A. *Moedas: a Numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 8a. ed. Tradução: Vera Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1994.
- ERSKINE, Andrew. *A Companion to Ancient History*. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2009.
- FERRI, Giorgio. *Tutela urbis: Il significato e la concezione della divinità tutelare cittadina nella religione romana (Potsdamer Altertumswissenschaftliche Beiträge - PAwB)*. Berlin, Franz Steiner Verlag, 2010.
- GEERTZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC — Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2008: 65 - 91.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. IN: *Mitos, emblemas e sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- HEDRICK, Charles. *Coins*. IN: *Ancient History. Monuments and Documents*. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2006.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 1994.
- PANOFSKY, E. *Iconologia e iconografia*. In: \_\_\_\_\_. *O significado nas Artes Visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- ROSENSTEIN, Nathan; MORSTEIN-MARX, Robert. *A Companion to Roman Republic*. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2006.
- SCHEID, John. *Questions of Methodology*. In: \_\_\_\_\_. *An Introduction to Roman Religion*. Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 2003.
- SCHMITT, J.-C. *Introdução*. In: \_\_\_\_\_. *O corpo das imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007.
- WILLIAMS, Jonathan. *Religion and Roman Coins*. IN: *A Companion to Roman Religion*. Oxford. Blackwell Publishing Ltd, 2007.